

A REFORMA DO PENSAMENTO POR MEIO DO ENSINO TRANSDISCIPLINAR E O DESAFIO DA COMPLEXIDADE

Thought reform through transdisciplinary education and the challenge of complexity

Debora Maria dos Santos¹

RESUMO: Edgar Morin, importante intelectual da atualidade, apresenta em seu livro “A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, uma crítica à fragmentação do conhecimento e suas consequências no ensino e na formação de cidadãos. A obra questiona a finalidade da escola, da educação, do ensino e a necessidade de integrar as áreas do conhecimento contempladas pela humanidade. No livro é abordada a reflexão sobre um pensamento complexo, transdisciplinar, contextualizado e reorganizado capaz de formar cidadãos planetários, solidários e éticos, aptos a enfrentar os desafios dos tempos atuais.

Palavras-chaves: Edgar Morin, reforma do pensamento, ensino transdisciplinar.

ABSTRACT: Edgar Morin, important current intellectual, presents in his book "the well-made head: rethink reform, reform the thought", a critique of the fragmentation of knowledge and its consequences on the education and training of citizens. The work questions the purpose of school education, vocational education and the need to integrate the areas of knowledge covered by humanity. The book is addressed to reflection on a complex thought, transdisciplinary, contextualized and reorganized capable of forming planetary citizens, solidarity and ethical, able to meet the challenges of the present times.

Key words: Edgar Morin, thought reform, transdisciplinary education.

INTRODUÇÃO

Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês nascido em 1921, se destaca como um dos maiores intelectuais da atualidade. Escreveu mais de trinta livros que são considerados referências em diversas áreas, entre eles destaca-se: O método, Introdução ao pensamento complexo, Ciência com consciência, Os sete saberes necessários para a educação do futuro e A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, lançado em 1999, a qual irá ser discutido nesta resenha crítica.

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em consumo, cotidiano e desenvolvimento social – UFPE.

A obra "A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento" é composta de prefácio, nove capítulos e dois anexos. No prefácio, o autor explica as motivações que o levou a escrever a obra. Segundo o autor, o então Ministro da Educação na França, Jack Lang sugeriu que o autor fizesse o que seria inicialmente uma espécie de "manual" para alunos, professores e cidadãos, posteriormente foi chamado pelo *Le Monde de l'éducation* para ser o "correspondente chefe convidado" onde organizou algumas jornadas temáticas sobre a reforma dos saberes nos ginásios (p.10). Edgar Morin afirma que é preciso uma reforma no pensamento e no ensino, se opõe a fragmentação do conhecimento e propõe que o desenvolvimento do pensamento complexo está ligado a uma reforma do pensamento por meio do ensino transdisciplinar, capaz de formar cidadãos planetários, solidários e éticos, aptos a enfrentar os desafios dos tempos atuais. Para o autor, a complexidade é um desafio que sempre se propôs a vencer (p.10).

Ainda no prefácio, o autor define a educação como um meio que permite "assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano", e "o ensino como arte ou ação de transmitir conhecimento ao aluno de modo que os compreenda e assimile" (p.10 e 11), reforçando a ideia que o ensino tem como missão transmitir não apenas o saber, mas uma cultura que permita compreender as condições em que vivemos e que favoreça um modo de pensar mais amplo, propondo uma nova reorganização do pensar.

ANÁLISE

O Capítulo 1, intitulado de "Os desafios" começa problematizando a formação universitária que forma uma quantidade enorme de especialistas em disciplinas predeterminadas enquanto o desenvolvimento das ciências se faz por homens que tenham visões mais amplas. Segundo o autor, os saberes separados, fragmentados entre as disciplinas não estão de acordo com a realidade do problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais globais e planetários (p.11), sendo assim, a especialização, dada de forma a não permitir a integração em uma problemática global, faz com que se tenha uma visão mais fechada de um conjunto, onde se considera apenas um aspecto. Morin destaca que:

[...] De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário. (MORIN, 2011, p.11-12)

Morin afirma que a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo de mundo e atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão. O contexto de separação de saberes e disciplinas isoladas são a base do sistema educacional tradicional e estimula desde as primeiras

séries a setorizar o conhecimento em disciplinas ao invés de integra-las. É a redução do complexo ao simples, decompor e não recompor, eliminar as contradições existentes, perdendo suas capacidades naturais de contextualizar os saberes e integra-los (p.14-15). A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino, tendo a escola a responsabilidade de ensinar a repensar o pensamento, a des-saber o sabido, a duvidar da sua própria vida, conclui Morin.

O autor classifica como três os desafios para a organização dos saberes: o *desafio cultural*, que problematiza a cultura das humanidades e a cultura científica, o *desafio sociológico*, que se refere a construção do cognição, apoiada no conhecimento, pensamento e na informação, e o *desafio cívico* em que o enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade. Porém, Morin destaca que o grande desafio é a necessidade da contemporaneidade de enxergar esses desafios como interdependentes.

A reforma do pensamento é que permitiria o pleno emprego da inteligência para responder a esses desafios e permitiria a ligação de duas culturas dissociadas. Trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente a nossa aptidão para organizar o conhecimento. (MORIN, 2011, p.19)

O capítulo 2, nomeado de “a cabeça bem feita”, o filósofo discorre sobre a ideia que mais vale uma “cabeça bem feita”, do que bem cheia e explica que o saber não deve ser simplesmente acumulado, mas sim organizados para torna-los interligados e conectados, buscando dar sentido ao conhecimento adquirido. (p.21). Exemplificando o pensamento do autor, seria como aprender todas as regras gramaticais, porém não saber escrever um texto que expresse opinião com bons argumentos. A educação deve ter como foco a estimulação da crítica e da curiosidade. Para o autor o pensamento deve ser organizado em uma cabeça apta, com vista a não acumular pensamentos estéreis.

Em “A condição Humana”, terceiro capítulo, Edgar Morin enfatiza a importância de termos conhecimento da nossa verdadeira condição humana, de onde viemos, para onde vamos e o que podemos esperar do futuro, trazendo conceitos da Cosmologia, Ciências da Terra, Biologia, Ecologia como as ciências capazes de situar a dupla condição humana: natural e metanatural, reforçando a complexidade do ser humano (p. 37).

No capítulo “Aprender a viver”, quarto da obra, o autor começa apresentando o pensamento de Émile Durkheim:

O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida. (MORIN, 2011, p.47).

O autor faz uma leitura do cenário atual das sociedades em geral, cheio de incompreensões entre os diversos relacionamentos e em todas as esferas da sociedade e coloca a ética como uma questão relevante neste contexto. Em tempos de polarização política e esquecimento da palavra ética, as atuais questões políticas brasileiras ilustram bem o pensamento de Morin. Como solução para essa onda de incompreensões, o autor propõe estudos interdisciplinares, aliando pedagogia, filosofia, psicologia, sociologia, história, buscando trazer a lucidez e a compreensão de que todos somos humanos e assim também temos mecanismos de egocentrismos e de auto-justificação, através da percepção disto seria mais fácil trabalhar a intolerância e a incompreensão nas relações e na sociedade. O capítulo 5, *Enfrentar a incerteza*, é uma continuação do pensamento abordado no capítulo 4, onde o autor afirma que a maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento e que a maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento (p.55).

No capítulo 6, *“A aprendizagem Cidadã”*, Morin fala da relação entre educação e cidadania. A educação deve contribuir para ensinar a viver e ensinar como se torna cidadão. O autor continua sua análise afirmando que um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria (p.65) e que é preciso ter atitudes como responsabilidade e solidariedade com ela e entender que sua formação se dá através de um Estado e por consequência uma comunidade/sociedade formada por seres humanos.

O sétimo capítulo, chamado de *“Três graus”*, o autor vai sobre como trabalhar sua teoria nos três graus do ensino (primário, secundário e universidade) levando em conta as diferenças dos níveis de aprendizado e maturidade do indivíduo. Segundo o filósofo, no ensino primário é preciso estimular os questionamentos e as contextualizações, ou seja, ter como finalidade a *“cabeça bem feita”*, no secundário seria o momento de aprender o que deve ser a verdadeira cultura e na universidade o autor propõe que seja mantido o papel de conservação e transmissão do patrimônio cultural, porém esse conteúdo precisa estar adequado as reais necessidades da sociedade.

Capítulo 8, *“A reforma do pensamento”*, fala que é preciso substituir o pensamento que isola e separa, por um pensamento que distingue e une, o pensamento disjuntivo e redutor, pelo pensamento do complexo (tecido junto) (p.89). O autor afirma também que um pensamento capaz de conceber os conjuntos estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o cidadania, trazendo consequências existenciais, éticas e cívicas. No capítulo 9, *“Para além das contradições”*, o autor complementa a sua ideia de reforma e foca nas instituições afirmando que *“não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem*

reformatar as mentes sem uma prévia reforma das instituições.” Morin conclui que o ensino precisa ser também uma tarefa de saúde pública, uma missão de transmissão e finaliza : “Onde não há amor, só há problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio, para os alunos.” (p. 102).

CONCLUSÃO

Edgar Morin em sua obra *A Cabeça bem feita* nos faz refletir sobre o desafio da educação nos tempos atuais e atenta para a urgência da humanização do homem e reforma do pensamento através da interdisciplinaridade. Tornar o conteúdo de sala de aula significativo, promovendo compreensão crítica dos conteúdos constitui uma pedagogia facilitadora e emancipatória, necessária para promover um maior entendimento sobre a atual sociedade e suas transformações que refletem fortemente no processo educacional.

REFERÊNCIA

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.